

Considerações finais

Les étoiles ont été toujours au coeur des enfants et des poètes, mais ils ne savaient pas très bien pourquoi. L'astrophysique donne corps à cet amour en expliquant que les atomes, les étoiles les ont portés dans leur ventre. Le lien entre les étoiles, et plus généralement entre toutes formes du ciel, est génétique, matériel et historique. Le ciel est autant fait d'histoires que d'atomes. Toute lumière devient parole. Le big bang crie vers nous. (Michel Casé)

Por que fazer uma tese sobre grupos hoje? A importância de recuperar as experiências realizadas durante mais de vinte anos está ligada a duas questões – a primeira, propor que possam servir de mola, base, inspiração para os profissionais que trabalham na clínica hospitalar. A segunda, ligada à primeira – a constatação e a pergunta – por que os grupos foram tão deixados de lado? Ao longo deste trabalho, ao contar as histórias, fiz alguns comentários sobre as possíveis respostas a esta pergunta.

A perigosa experiência contemporânea do culto ao individualismo - na qual, o espelho atual da maioria das pessoas não reflete a própria imagem – que costuma exigir uma imagem ditada pela mídia, na qual a perfeição, a juventude permanente, a homogeneização das formas dos corpos são as palavras de ordem, imagens estas que destroem a singularidade das pessoas, e as tiranizam na busca de uma suposta perfeição dificulta a possibilidade de cada um enxergar a própria imagem; dificulta também a possibilidade de enxergar o outro.

As pessoas tendem aos amontoamentos, aos agrupamentos, que em nada têm a ver com os grupos. Nesses agrupamentos, na maior parte do tempo, todos falam – poucos se escutam. O outro é uma espécie de plateia muda. Ou acontecem pequenos diálogos, cortados pela falta da real possibilidade de conversar. O fato de estar em grupos é um caminho para recuperar a própria imagem, a partir do olhar do outro, sempre imperfeito e real. Assim como, para Winnicott, o bebê precisa se ver refletido no rosto da mãe. (Winnicott, 1975)

Assim, os grupos vão na contramão desse ideário individualista “narciso acha feio o que não é espelho”, abrindo uma zona de compartilhamento, de vários

espelhos, de várias possibilidades de identificação, tecendo um espaço sempre em transição, sempre em movimento. Sim, vários espelhos, o que permite a relativização de muitas categorias, como por exemplo, dos defeitos – o que é defeito para um, pode ser qualidade para o outro!

A conversa que estabeleci com saberes tão diversos também faz parte de um ideário clínico que busca, como diz Morin, ligar os conhecimentos (Morin, 1999). Cito aqui três epígrafes desse colóquio organizado por Morin, em Paris, *Relier les Connaissances* (Morin, 1999)

O estrangeiro: Excelente amigo, aventurar-se a separar tudo de tudo, é algo não somente discordante, como também, desconhecer as Musas e a filosofia.

Théétète: Por que?

O estrangeiro: A maneira mais radical de aniquilar qualquer argumentação é separar cada coisa de todas as outras, porque a razão surge da ligação mútua entre as figuras. (Platão, O Sofista, 259, e)

Todas as coisas sendo causadas e causadoras, ajudadas e ajudantes, mediatas e imediatas, e todas se ligando por um elo natural e insensível que liga as mais distantes e as mais diferentes, penso ser impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, menos ainda conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes. (Pascal, Pensées, Ed. Brunscgwig, II, 72)

As ciências da natureza abraçarão as ciências do homem, e as ciências do homem abraçarão as ciências da natureza. (Marx, Manuscrit économique-philosophique)

Daí a insistência, ao longo deste trabalho, na conversa que tenta ligar os saberes. Percebo *a posteriori* que, ao lançar mão de saberes tão diferentes, construí uma equipe transdisciplinar para falar dos grupos. Retomo resumidamente a conversa com os autores escolhidos para essa tese-grupos.

Winnicott com toda a importância que dá ao ambiente – ao primeiro grupo humano – a unidade mãe-bebê.

Os grupos são sempre espaços paradoxais, concretos e fluidos, estão sempre no entre – uma situação e outra. Assim, nada mais coerente do que pensá-los como espaços transicionais. Assim como o espaço transicional de Winnicott, que está entre a criança e a mãe, os grupos estão entre cada um e o mundo. Mas, assim como Winnicott diz que a mãe, sinônimo de ambiente, precisa ser suficientemente boa, do meu ponto de vista, o mesmo ocorre com a construção dos grupos. É preciso uma dedicação muito grande, um investimento afetivo

suficientemente bom, uma barriga suficientemente boa, como illustrei no capítulo dois, falando do grupo barriga e da mãe-bebê. Nos grupos, podemos falar, gritar, gemer, chorar, cantar, silenciar, até fazer um parto. Porque há um ambiente que protege, que escuta, que cuida, que acolhe, que garante que depois dali poderemos todos ser melhores e diferentes.

Na interlocução com Bakhtin, a importância da dialogia, que contém a ideia da relatividade da autoria individual e consequentemente o destaque do caráter coletivo, social, da produção de ideias e textos. Sua noção de formação do eu, por meio das categorias do eu-para-mim, do eu-para-os-outros, o outro-para-mim. Para este autor, não há um mundo dado ao qual o sujeito possa opor-se. É o próprio mundo externo que se torna determinado e concreto para o sujeito que com ele se relaciona.

Do texto escrito ou falado cuja autoria é sempre relativa – a relevância de quem lê ou escuta, as apropriações necessárias e enriquecedoras das trocas.

Com Rorty, mostramos a importância da solidariedade, bastião do equilíbrio humano – a ideia de encontros não forçados, sua discussão sobre a ciência objetivista, estabelecendo uma analogia com a lógica objetivista hegemônica nos hospitais gerais, procurando mostrar como a clínica pode funcionar numa lógica da ciência enquanto solidariedade.

Déjournos mostra a importância do trabalho equilibrante. Para ele, o principal perigo é o subemprego de aptidões psíquicas, fantasmáticas ou psicomotoras, o que ocasiona uma retenção de energia pulsional, que é o que constitui precisamente a carga de trabalho. Segundo o autor, em matéria de economia psicossomática, motivação e aptidão estão a tal ponto ligadas que são quase equivalentes: para o sujeito com estrutura neurótica, a aptidão para produzir fantasmas se une à necessidade de se utilizar deles; confrontado com um trabalho em que a atividade fantasmática é inútil, ele enfraquece. Nos grupos, o trabalho se torna equilibrante, tanto pra os técnicos, quanto para os pacientes, na medida em que é possível e desejável escutar, relativizar o sofrimento, compartilhar as dores e as alegrias.

Marie-France Hirigoyen trata do assédio moral, conceito que utiliza para descrever diversas situações em diferentes contextos. Ilustrei este conceito com situações em que a clínica é atropelada por ele. Momentos em que a vida se perde – literalmente – em função desse comportamento de assédio. Assim como

também, situações clínicas e funcionais em que as pessoas foram desestabilizadas por chefes e familiares. Mostro como os grupos podem cumprir uma função de recuperação da auto-estima perdida em função dos agressores, recuperando as histórias, redescrevendo as subjetividades.

Com Austin, a palavra como ato, como compromisso entre partes – algo que é construído no grupo, e que se torna um elemento de consolidação dos laços. É algo notável como os grupos promovem a construção de novos laços, num processo verdadeiro e real de construção de relações.

Com Wittgenstein, as novas auto imagens, as novas formas de vida, os novos jogos de linguagem, os novos laços, coloridos e férteis de novas possibilidades. Nos grupos, tudo isso acontece de forma trabalhosa, mas consistente e verdadeira. E, em consequência, surgem as novas formas de vida, na medida em que, recuperando o passado, ou mesmo o presente podendo ser falado e escutado, compartilhado, as pessoas criam, descobrem, inventam formas diferentes de viver.

A noção dos grupos como dispositivos, retomando Foucault e Deleuze por meio de Benevides, mostra-nos como promovem novas situações, novos fluxos de vida, novos agenciamentos, novas linhas de visibilidade. Os grupos não como entidades abstratas, mas sim como processos sempre em construção. Nos devires, como diz Deleuze. Dispositivos que são criados na medida da necessidade dos contextos, dos territórios. Muitos diriam que isto não é exclusivo dos grupos, e que não há garantias de que isso aconteça. É verdade. Mas também é verdade que as falas portadoras de cristalizações, os afetos congelados em territórios fechados, quando acionados pelos dispositivos grupais, tornam-se inquietos, intensificam-se, podendo sair dos lugares congelados onde estavam. Os grupos são como aquela flor dormideira. Só que eles se abrem em qualquer momento, quando menos se espera.



Com José Gil, mostramos como o estar em grupo nos remete a uma memória ancestral, quando a sobrevivência dependia da solidariedade. Hoje,

curiosamente, as pessoas pensam que estão em grupos, mas na verdade, estão mais solitárias do que nunca. O objetivo dos grupos é recuperar a dimensão dos verdadeiros encontros, perdida em nossos tempos.

Aqui, os relatos foram fruto de uma construção ao longo de anos, sempre em função das necessidades das instituições. Em momento algum utilizamos modelos ou técnicas já propostas. Por isso, não há um método, uma técnica, uma pretensão de universalizar as experiências. Em cada momento, auscultávamos os corações de cada lugar, para tentar descobrir as batidas. Para descobrir que nota devíamos tocar. Para descobrir onde apertavam os sapatos.

O objetivo era contar as experiências, suas origens, e estabelecer uma interlocução com outros saberes. Contar as histórias dos grupos e compartilhá-las. Olhar os grupos de várias perspectivas. Mergulhar nos universos dos grupos para mostrar como são múltiplas as possibilidades de vivê-los, experimentá-los, transformá-los. Assim como participar deles modifica, redescreve, trata, ajuda a viver.

O reunir-se em rodas para rezar, dançar, silenciar, brincar, fez parte da história da humanidade há séculos, em diferentes tipos de sociedades. A experiência de estar em grupo promove efeitos que ligam as pessoas concretamente, e desta ligação surgem possibilidades de vínculos de vários tipos. Pessoas reunidas em grupo por motivos diversos experimentam possibilidades criadas pelo simples fato de terem se juntado ali.

- a) O conhecer-se é o primeiro efeito de estar num grupo. O que, no início, pode até ser vivido como uma obrigação. Estamos habituados a viver achando que não precisamos dos outros. O cruel mito contemporâneo. Mas logo surge a vontade de conhecer os outros, de saber o que esperam dali, para que estar ali juntos? – a vontade de conviver e de compartilhar.
- b) O comunicar-se: é a consequência natural das vontades acima. Para conhecer é preciso vencer as próprias barreiras, e ir em direção ao outro. Falar de si, querer escutar – a vontade da troca humana.
- c) O enfrentamento com a diferença: esta troca implica o difícil exercício de lidar com as diferenças. Saber escutar, no tempo do outro, saber falar no seu tempo, pensar sobre o que é dito e refletir, ter paciência com as dificuldades de cada um,

respeitar e aprender a falar sobre pontos de vista diferentes sem que isto signifique altercação. É a diferença que amplia o mundo.

Poderia falar ainda muito. Mas há o momento em que é preciso terminar.

Os aspectos citados parecem-me simples e profundos para justificar a proposta dos grupos como espaços transicionais – transição entre os eus solitários do mundo de hoje para eus acompanhados da riqueza do compartilhar a experiência de outros.